

O REFLEXO DA DUALIDADE DA ALMA DE DORIAN GRAY NA OBRA LITERÁRIA E NA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA

THE REFLECTION OF DUALITY IN DORIAN GRAY'S SOUL IN THE LITERARY WORK AND THE CINEMATOGRAPHIC ADAPTATION

Pamella Cristina Alvarenga¹
Prof.^a Dr.^a Josiane Aparecida Franzó²

Resumo: O objetivo deste artigo consiste na análise da dualidade da personagem Dorian Gray no livro *O Retrato de Dorian Gray*, do autor irlandês Oscar Wilde e na adaptação fílmica *O Retrato de Dorian Gray* (2009), do diretor Oliver Parker. A análise está baseada na presença textual e cênica das características de dualidade de corpo e alma da personagem, identificadas, em ambas as produções. Será abordada, também, a fixação que a personagem possui em relação à beleza e à busca pela juventude e, conseqüentemente, seu terror em relação ao envelhecimento.

Palavras-chave: Retrato. Alma. Beleza. Dualidade.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the duality of character Dorian Gray in the book *The Dorian Gray's Portrait*, written by an Irish author Oscar Wilde and cinematographic adaptation *The Dorian Gray's Portrait* (2009), directed by Oliver Parker. The analysis is based on textual and scenic presence of characteristics from body and soul's duality of the character, identified in both productions. It will be also discussed about the fixation that the character has in relation to the beauty and the pursuit of youth and consequently his fear in relation of aging.

Keywords: Portrait. Soul. Beauty. Duality.

Sumário: 1. Introdução - 2. Contextualização - 3. Lorde Henry e Dorian Gray: duas personagens, quatro faces? – 4. Dorian versus Dorian – 5. Adaptação Cinematográfica - 6. Considerações finais – 7. Referências.

1 INTRODUÇÃO

Oscar Wilde nasceu no dia 16 de outubro de 1854, na cidade de Dublin, na Irlanda. Formou-se na famosa Universidade de Oxford cerca de 20 anos depois.

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras Português/Inglês (SECAL).panhacristina@hotmail.com

² Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
josiane@secal.edu.br

Seu único romance, *O Retrato de Dorian Gray*, foi publicado inicialmente como a história principal da Lippincott's Monthly Magazine em 20 de junho de 1890. Mais tarde, o autor reviu, alterou e ampliou essa edição, que foi publicada em abril 1891 por Ward, Lock e Company.³

O Retrato de Dorian Gray é uma obra em que Wilde apresenta ao leitor uma reflexão sobre beleza, vaidade e morte. O autor apresenta uma visão do interior do ser humano, retratada através da pintura, de uma parte de um indivíduo que não é revelada publicamente: seus medos, seu egoísmo, sua corrupção moral e tudo que o envergonha. A personagem principal é Dorian Gray, um jovem de 18 anos, que acaba tendo uma estranha ligação com uma pintura de si mesmo. A partir dessa ligação, passa a viver freneticamente, sem medo – ainda que por determinado tempo, e sem escrúpulos, corrompendo-se de dentro para fora e de fora para dentro.

A primeira adaptação cinematográfica dessa obra literária foi lançada em 1945, ainda em preto e branco e foi ganhadora de 4 Oscars, incluindo o de melhor fotografia preto e branco⁴. Foram lançadas ainda versões em 1970, 2004 e 2009, sendo essa última o objeto de estudo deste artigo. A escolha dessa versão se deu por ser a mais recente, o que facilita o seu acesso. O diretor dessa adaptação cinematográfica é Oliver Parker, cineasta e roteirista inglês, que nasceu no dia 6 de setembro de 1960, Londres, Reino Unido.⁵

2 Contextualização

O cenário em que a narrativa está inserida é Londres, na Inglaterra, no século XIX. A história começa com Basil Hallward, um pintor que vivia em busca de expressar a perfeição e encanto impecáveis em suas obras. E, ele encontra em Dorian Gray, um jovem da aristocracia de rara beleza, o modelo perfeito para seu trabalho:

No centro da sala, em alto cavalete, destacava-se o retrato de um moço de extraordinária beleza, em tamanho natural. Defronte do quadro, a

³ Disponível em: <<http://livrospralerereleer.blogspot.com.br/2011/06/o-retrato-de-dorian-gray.html>>. Acesso em 17 de setembro de 2016.

⁴ Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2508/>>. Acesso em 17 de setembro de 2016.

⁵ Disponível em: <<https://filmow.com/ol-parker-a141937/>>. Acesso em 17 de setembro de 2016.

poucos passos, estava o próprio artista, Basil Hallward[...] Quando o pintor pousava os olhos na figura elegante e graciosa que tão bem sonhara reproduzir com a sua arte, um sorriso de satisfação iluminava-lhe demoradamente as feições.⁶

E, estando o retrato acabado, tal era a exatidão dos traços da pintura de Basil que todos os que a viam chegavam a imaginar que o quadro retratava a alma de Dorian. O próprio retratado viu em seu quadro tamanha perfeição que começou a se questionar sobre a brevidade daquele momento. A pintura ficaria para sempre jovem, bela, impecável, ao passo que ele envelheceria e perderia tudo que o quadro representava. Vê-se essa reflexão no trecho a seguir:

Dorian não respondeu. Passou negligentemente defronte da sua efígie e voltou-se para admirá-la. Mal pousou o olhar no quadro, recuou e corou de prazer. Uma luz jubilosa lampejou-lhe nos olhos, como se nesse momento se visse pela primeira vez. [...] A noção da sua beleza dominava-o, como uma revelação. Nunca a tivera antes dessa hora. Sempre tomara os elogios de Basil por um exagero gentil de amigo. [...] Eis que surgira lorde Henry Wotton, com seu singular elogio da mocidade, a terrível advertência da breve duração dessa quadra da vida. Como isso o Comovera!⁷

Após esse primeiro impacto com sua imagem, Gray começa a analisar a juventude expressa pelo quadro, assim como a brevidade da sua beleza, que ao contrário da pintura, não seria eterna:

E nesse instante, em que admirava, extasiado, a sua beleza, como se lhe evidenciava a realidade daquelas palavras! Sim, dia haveria de vir em que o rosto se lhe deformaria, enrugado e murcho, com os olhos emaciados; em que o seu corpo airoso perderia a elegância, a graça dos movimentos. Esmaecer-se-ia o vermelho dos seus lábios, tornar-se-ia fosso o ouro vivo dos seus cabelos. À medida que lhe fosse formando a alma, a vida lhe deformaria o corpo. Ele ficaria horrível, hediondo, grotesco.⁸

Seu pavor inicial é de tal forma intenso que ele chega a sentir inveja do seu retrato. Mal sabe ele que será o quadro, e não ele, que envelhecerá por um bom tempo.

– Tenho inveja de todas as coisas cuja beleza não morre. Tenho ciúme do retrato que você fez de mim. Porque ele há de guardar o que

⁶ Wilde, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 15.

⁷ Ibid., p. 33-34.

⁸ Ibid., p. 34.

perderei? Todo momento que passa tira-me alguma coisa, para dar a ele. Oh! Se fosse possível o inverso, se o retrato mudasse, e eu fosse sempre o que sou agora! Por que pintou esse quadro? Ele zombará de mim, dia após dia... Zombará horrivelmente!⁹

Tamanha era a sua vontade de permanecer jovem e belo que Dorian, em um acesso de raiva disse que daria até sua própria alma para que a tela envelhecesse em seu lugar. Mal sabia ele que esse desejo mudaria o rumo de sua vida. Conforme segue:

Que tristeza! – murmurou Dorian. – Que tristeza! – repetiu com os olhos cravados na sua efígie. – eu irei ficando velho, feio, horrível, mas este retrato se conservará eternamente jovem. Nele, nunca serei mais idoso do que neste dia de junho... Se fosse o contrário! Se eu pudesse ser sempre moço, se o quadro envelhecesse!... Por isso, por esse milagre eu daria tudo! Sim, não há no mundo o que eu não estivesse pronto a dar em troca. Daria até a alma!¹⁰

Lorde Henry Wotton, um aristocrata cínico e dissimulado, começou a influenciar Dorian a notar o quanto sua beleza era inestimável. O rapaz então, começou a perceber todo o potencial que sua aparência tinha. Concordando com as palavras de seu amigo sobre a importância da mocidade, chegou a cogitar suicidar-se quando envelhecesse. Da mesma forma, lorde Wotton, sabendo do seu poder de persuasão, identificou em Gray um desafio interessante, pois do seu ponto de vista o jovem já possuía a beleza, mas lhe faltava a malícia para fazer uso desse atributo:

Lorde Henry observava-o com uma sensação sutil de prazer. Que diferença do rapaz tímido, retraído, que ele conhecera no *atelier* de Basil Hallward! A natureza de Dorian desenvolvera-se como uma flor, criara botões de um rubro chamejante. A alma saía do seu esconderijo secreto; e o desejo ia-lhe ao encontro¹¹.

Na companhia de seu novo amigo, Dorian iniciou uma vida de vícios e desregramento, perdendo aos poucos os traços inocentes de sua personalidade. Por fim, entrou numa transformação diária de caráter.

⁹ Wilde, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 35.

¹⁰ Ibid., p. 34.

¹¹ Ibid., p. 56.

Em um determinado momento, o rapaz conhece Sibyl Vane, uma jovem atriz de dezessete anos, e acabou se apaixonando tanto por sua beleza quanto por sua atuação nas peças de teatro. Ele acreditava amá-la, principalmente por vê-la representar uma personagem diferente a cada noite. Os dois começaram então, uma breve história de amor, baseada principalmente na imagem que faziam um do outro: ela sendo uma excelente atriz, ele sendo um príncipe encantador, sem dar conta da real personalidade.

Contudo, a jovem Sibyl percebeu o verdadeiro sentido de estar apaixonada, e desde essa conscientização, não consegue mais atuar como antes. Isso feriu os sentimentos de Dorian, que a partir desse momento, passou a desprezá-la:

Como pude amá-la? Agora deixou de existir para mim. Não tornarei a vê-la, não tornarei a pensar em você, nunca mais direi o seu nome! Nem imagina o que foi para mim outrora. Sim, outrora... Nem me quero lembrar disso. Antes nunca a tivesse visto! Você estragou o romance da minha vida. Muito pouco sabe você do amor, se acha que ele pode ofuscar a arte! Sem a sua arte, que é você? Eu lhe daria toda a glória, a riqueza, o esplendor. Você teria o mundo aos seus pés e usaria o meu nome. Que é você agora? Não passa de uma atriz de terceira ordem com uma carinha bonita!¹²

Após o rompimento dos dois, Dorian Gray voltou para casa e ao entrar em seu quarto deparou-se face a face com seu retrato. Com a pouca luz que entrava no aposento pelas persianas a pintura lhe parecia diferente, com uma expressão de crueldade nos lábios. Ao iluminar completamente o ambiente, teve a certeza de que a tela mudara:

Dorian Gray voltou-se, foi à janela, ergueu a persiana. A claridade da aurora inundou a peça, varreu as sombras fantásticas para os cantos escuros onde elas se encolheram, tiritantes. Mas a expressão singular do retrato continuou a impressionar o original; mais acentuada talvez. A luz do dia mostrava-lhe as linhas cruéis em torno da boca, tão nitidamente como se ele estivesse vendo em um espelho depois de uma ação terrível.¹³

Ele começou a indagar-se se haveria a possibilidade de que a tela estivesse de alguma forma conectada à sua alma. Lembrava-se mesmo de ter

¹² Wilde, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 80.

¹³ Ibid., p. 82-83.

desejado algo parecido no estúdio de Basil, no dia em que vira o retrato pela primeira vez. Também lembrava do anseio de que os estragos causados pelas paixões, pecados e pela idade fossem registrados em sua efígie, enquanto sua adolescência permaneceria inalterada: “[...]Mais desejos dessa ordem não são realizáveis. São coisas impossíveis; e era até monstruoso pensar nelas. Todavia, ali estava o quadro bem diante dos seus olhos, exibindo um ricto de crueldade na boca”¹⁴.

Ainda em relação à Sibyl, como resultado de tamanha frieza por parte de Dorian, a jovem acabou cometendo suicídio, envenenando-se. Ao saber de sua morte, Gray entrou em pânico, pois havia se arrependido de ser tão rude com a moça. Apesar disso, momentos depois, lorde Henry conseguiu acalmá-lo, fazendo com que ele deixasse de lado esse sentimento de culpa:

- Iluminou-me a respeito de mim mesmo, Harry – murmurou, com um suspiro de alívio. – eu senti tudo que acaba de me dizer mas tinha medo. Não conseguia exprimir meus sentimentos. Como me conhece bem! Não tornaremos a falar do que aconteceu. Foi uma coisa maravilhosa. Será que a vida me reserva outras igualmente extraordinárias?
- A vida reserva-lhe tudo, Dorian. Com a sua beleza, não há nada a que você não possa aspirar. [...] Estamos apenas começando nossa amizade, Dorian – tornou lorde Henry, apertando a mão do rapaz. – Até logo. Espero vê-lo antes das nove e meia. Lembre-se: quem canta hoje é a Patti¹⁵.

O impacto dessas atitudes leva o rapaz a perceber o quanto sua pintura é valiosa, e ao mesmo tempo reveladora. Decide então esconder o quadro, pois agora a imagem refletida nele já não mais representava o original. Vale destacar que é a partir desse momento Dorian percebe o quanto a tela é inestimável. As palavras do lorde inspirando-o a viver tudo que podia, vem ao encontro de todas as possibilidades que agora ele poderia aspirar, uma vez que a ligação com seu retrato o permitiria viver tudo que desejasse, sem que seu corpo sofresse as consequências. Isso, obviamente, desde que isso permanecesse em segredo:

Dorian Gray suspirou. E tocou a campainha. Era preciso esconder o retrato a todo custo. Não convinha expor-se de novo ao mesmo risco.

¹⁴ Wilde, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 83.

¹⁵ Ibid., p. 93-94.

Seria insensatez rematada deixar esse quadro uma hora mais numa peça onde qualquer um de seus amigos tinha entrada franca.¹⁶

3 Lorde Henry e Dorian Gray: duas personagens, quatro faces?

A influência de lorde Henry foi fundamental para a mudança de personalidade e de alma do jovem moço, pois o que nota-se no decorrer do livro é que ele, com suas filosofias, convencia Dorian a mudar seus conceitos:

- Exerce realmente má influência, lorde Henry? – perguntou o rapaz, momentos depois. – tão má como diz Basil?
- Boa influência é coisa que não existe, senhor Gray. Toda influência é imoral... imoral, do ponto de vista científico.
- Por quê?
- Porque influenciar uma pessoa é emprestar-lhe a nossa alma.¹⁷

Pode-se destacar que a personalidade de ambos apresenta características de dualidade bem expressas quando se compara suas atitudes com seus pensamentos. Durante todo o tempo que permanece com Dorian, lorde Henry incentivava-o a viver intensamente, sem remorso ou culpa. Divertia-se assistindo a decadência moral do rapaz, que outrora fora inocente, mas que agora perdia-se em vícios e profanações. Sempre que o aconselhava, levava-o a crer que já vivera essas experiências, quando na verdade em nenhum momento deixava claro que praticava tais ações:

Lorde Henry observava-o com o seu malicioso sorriso. Conhecia com perfeição o exato momento psicológico em que convém guardar silêncio. Estava profundamente interessado. Surpreendia-o a impressão repentina causada pelas suas frases. Recordou-se de um livro que lera aos dezesseis anos, um livro que lhe ensinara muitas coisas ignoradas; e perguntou a si mesmo se Dorian Gray estaria passando pela mesma experiência. Ele soltara simplesmente uma seta no ar. Teria dado no alvo? Esse rapaz era uma fascinação!¹⁸

Pelo contrário, em alguns trechos da trama chegava a queixar-se de sua vida fútil e sem graça, dos problemas e desgostos do casamento e de como a idade já o restringia:

¹⁶ Wilde, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 103.

¹⁷ Ibid., p. 28.

¹⁸ Ibid., p. 29.

- Pelo contrário meu caro Basil, pelo contrário! – protestou lorde Henry. – Esquece que sou casado e que o único encanto do casamento é tornar absolutamente necessária aos dois cônjuges uma vida de ilusão. Não sei nunca onde anda minha mulher; nem ela sabe jamais o que faço. Quando nos encontramos – isso acontece uma ou outra vez – quando jantamos fora ou visitamos o duque, impingimo-nos mutuamente, com a cara mais desavergonhada, as histórias mais extravagantes. Nisso minha mulher se sai muito bem... muito melhor do que eu. Ao contrário do que me sucede, ela nunca se atrapalha com as datas. E, se me pega em falta, não arma cenas. Às vezes, eu até gostaria de vê-la zangar-se. Mas limita-se a rir de mim.¹⁹

Há momentos em que lorde Henry chega a expor traços de inveja por Sibyl ter suicidado-se por amor, mas até essa sua ação é na intenção de convencer Dorian a continuar a viver a vida em sua plenitude, passando por cima de tudo e de todos:

Alguém suicidou-se por amor a você. Quem me dera ter tido alguma vez essa sensação! Eu me converteria em um namorado do amor para o resto da vida. As criaturas que me adoraram (não foram muitas, mas sempre houve algumas) teimaram em viver muito depois de estar morto o meu amor por elas, ou delas por mim. Engordaram, tornaram-se enfadonhas e, mal me encontram, enveredam pelas recordações.²⁰

Da mesma forma que lorde Henry, Dorian também apresentava sinais de uma face diferente daquela exteriorizada nos momentos em que interagia com as pessoas. Ou seja, seus momentos de convivência com a sociedade aparentava ser um homem agradável, educado com as mulheres, sempre promovendo jantares para as pessoas do seu círculo social sendo que era bem visto por todos:

Contudo, o neto de lorde Kelso não se descuidava totalmente da sua vida social. Durante o inverno, enquanto durava a temporada, uma ou duas vezes por mês, Dorian Gray franqueava às quartas feiras, a sua bela mansão à sociedade.²¹

Outro exemplo dessa sua capacidade de mudança de comportamento, ou seja, de sua cordialidade - ainda que aparente, é quando: “Uma semana depois, Dorian Gray conversava no jardim de inverno de Selby Royal, com a bela duquesa

¹⁹ Wilde, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 17.

²⁰ Ibid., p. 18.

²¹ Ibid., p. 112.

de Monmouth, sua hóspede com o marido sexagenário, e ocupada nesse momento, em presidir a mesa de chá”²².

Ou seja, percebe-se a diferença dos momentos em que estava sozinho, quando se via obrigado a confrontar sua consciência, que perseguia-o sempre que praticava seus atos imorais com seu modo cortês, superficial e despreocupado de agir e interagir com os outros membros da sociedade: “Dorian Levantou-se, fechou as portas. Pelo menos estaria só, se tivesse de ver a máscara da sua abjeção. Afastou o biombo e viu-se face a face com a sua imagem. Não havia dúvida, o retrato mudara”²³.

Contudo, ainda que inescrupuloso em vários momentos, ele, sozinho, chega a questionar-se se estaria fadado a viver sofrendo a influência de lorde Henry para sempre, uma vez que ele tinha consciência da gravidade dos seus atos, e devido a isso, nos seus instantes de lucidez, pensava principalmente se haveria salvação para seu caráter. Conforme segue:

Sempre é possível anular o passado. O arrependimento, o esquecimento e a renúncia poderiam apagá-lo. Mas o futuro era inevitável. Dorian sentia dentro de si paixões que irromperiam infalivelmente, aspirações perversas, que ainda viriam a se converter fatalmente em realidade.²⁴

Conforme Maria Ellem Souza Maciel (2013) a dualidade sempre surge a partir da personagem que lhe deu origem, adquirindo então existência própria. Isso não significa que precise de uma existência física, podendo se tratar do fruto da imaginação do duplicado. Ao longo da trajetória das personagens, essas características começam a se sobressair.²⁵

4 Dorian versus Dorian

²² Wilde, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 156.

²³ Ibid., p. 86.

²⁴ Ibid., p. 105.

²⁵ MACIEL, Maria Ellem Souza. **Dorian Gray e seu duplo: considerações sobre o fantástico em Oscar Wilde**. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/abralicinternacional/trabalhos/Completo_Comunicacao_ora_l_idinscrito_695_4c1179352b131c8e609594f6044ea9ce.pdf>. Acesso em 18 de setembro de 2016.

Quanto mais o tempo passava, mais ficava evidente para Dorian O quanto sua alma estava dividida. A parte de sua alma que o acompanhava levava-o a viver suas aventuras de forma indiscriminada, sem remorso ou ressentimento. No entanto, a outra parte, aquela que ele mantinha escondida, revelava-lhe o horror em que se tornara. Era algo hediondo, pois não mostrava somente as marcas da idade, mas também os sinais deixados pela vida que levava por muitos anos. Seu desejo de experimentar o novo, o desconhecido, era acompanhado pela falta de escrúpulos em relação às pessoas. Afinal, ele arruinou a vida de muitas pessoas de seu meio, e isso contribuiu ainda mais para que sua alma, já fragilizada pela falta de caráter, ficasse ainda mais dividida.

Com o passar dos anos, o jovem continuava vivendo suas aventuras, mas sempre atento às mudanças no retrato de sua alma. Não poucas vezes, quando retornava de suas misteriosas viagens, esgueirava-se até seu quarto – do qual somente ele possuía a chave e que carregava consigo aonde fosse – e comparava sua atual efígie com as transformações sofridas pela tela: “Os seus pecados seriam para a imagem pintada na tela o que o verme é para o cadáver; acabariam por lhe deturpar a beleza, por lhe ofuscar a graça. Mas, deturpada, repulsiva, essa imagem continuaria a viver. Viveria eternamente²⁶”.

E, mais do que isso:

[...] o retrato que lhe fizera Basil Hallward o guiaria na vida, seria para ele o que a santidade é para uns, a consciência para outros e o temor de Deus para todos nós. Há o ópio para o remorso, narcóticos para embalar e adormecer o senso moral. Mas ali estava um símbolo visível da degradação do pecado, um sinal perene do mal que o homem faz a sua própria alma.²⁷

Todavia, não demora e as notícias sobre as deturpações de Dorian Gray começaram a se tornar assunto comum na sociedade. Seu amigo Basil, na tentativa de que seu amigo se regenerasse, vai até sua casa e se esforça em persuadi-lo a tornar-se uma pessoa melhor. O rapaz então explica-lhe que não há mais salvação para si, e a prova disso está no seu retrato. Após explicar isso ao pintor, a influência que a parte de sua alma contida no retrato se manifesta novamente, levando-o a assassinar o pintor:

²⁶ Wilde, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 105.

²⁷ Ibid., p. 87.

Dorian Gray enviesou os olhos para o quadro e naquele instante, o dominou um ódio irreprimível a Basil Hallward, como se tivesse sido insuflado pela imagem da tela, ou soprado ao seu ouvido pelos lábios do retrato, arregaçados num esgar. Uma raiva desesperada de animal perseguido fê-lo detestar o homem sentado à mesa, com um rancor que o seu coração jamais experimentara. [...]Dorian precipitou-se, afundou-lhe a arma na nuca, deitou-lhe a cabeça na mesa e continuou a feri-la.²⁸

No dia seguinte, após seu ato hediondo, procura por um antigo conhecido, que era químico, para que o ajude a livrar-se do corpo sem que precisasse sair de casa e, por conseguinte, não levantar suspeitas de seu ato criminoso. Ao chegar no cômodo onde jazia Basil percebeu que havia esquecido de cobrir seu retrato. Antes de reparar o desleixo, percebera que sua tela sofrera mais uma alteração significativa:

Que era aquele odioso orvalho rubro que porejava em uma das mãos da sua efígie, úmido e brilhante, como se a tela suasse sangue? Que horror! Era muito mais horroroso, nesse instante, para ele, do que o vulto hirto, estirado na mesa, do corpo cuja sombra deformada, grotesca, projetada no tapete maculado, mostrava que o morto continuava na posição que ele o deixara.²⁹

Nesse mesmo dia, sem que houvesse algum resquício de remorso pelo que fizera, compareceu a um jantar ao qual havia sido convidado. Apesar da agitação pela qual passara, deleitava-se ao perceber a calma de sua atitude perante os demais convidados, o que o fez perceber o quanto lhe dava prazer ter uma vida dupla.³⁰

Foi nessa noite, após o jantar, numa de suas escapadas rotineiras aos lugares de má índole que frequentava, que acabou encontrando James Vane, irmão de Sibyl, que tenta matá-lo numa atitude desesperada de vingança por sua irmã. Utilizando-se de sua aparência jovem, Dorian convence-o de que não poderia ser a mesma pessoa, visto que já se passaram muitos anos. Entretanto, dias depois, avista-o novamente e dessa vez, a visão desse homem deixa-lhe em estado de choque, pois atormentava-lhe a ideia de ser perseguido por alguém.

²⁸ Wilde, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 131-132.

²⁹ Ibid., p. 142.

³⁰ Ibid., p. 143.

Uma semana depois, em uma caçada com seus amigos, um tiro dado por Sir Geoffrey, um de seus companheiros de caça, acaba acertando acidentalmente um indivíduo, que andava por aquelas redondezas e Dorian sente-se muito mal pelo ocorrido, acreditando que atrai a desgraça para si. Foi somente à noite que soube que se tratava de James Vane.

Após o ocorrido, o rapaz começa a lembrar seus erros do passado e se questiona se seria possível que sua alma fosse recuperada. Assim, com essas reflexões ele decide mudar de vida e praticar boas ações, na esperança de reverter o estrago causado à sua imagem expressa na tela:

- Não diga isso, Harry. A alma é uma realidade terrível. Pode ser comprada, vendida, barganhada, intoxicada ou aperfeiçoada. Há uma alma em cada um de nós. Eu sei.
- Tem certeza, Dorian?
- Certeza absoluta.³¹

Dorian percebe, no entanto, que não há mais como desfazer uma vida inteira de pecados e passa a demonstrar arrependimento por ter se deixado levar pela soberba, e, principalmente, do instante em que almejava que o quadro recebesse o peso de suas ações. Ele conclui que se não houvesse desejado ser eternamente jovem e belo talvez a sua vida tivesse sido pura, e, o que mais lhe atormenta é saber da morte em vida de sua alma. Desse modo, não lhe restava outra opção senão destruir a pintura, pois sabia que suas boas ações, seus atos de caridade e sua imagem de bom moço não passavam de um reflexo da sua hipocrisia e vaidade:

Dorian Gray correu o olhar em torno. Viu a faca que lhe servira para apunhalar Basil Hallward, cintilante e limpa. Matara o pintor. Matara o quadro e tudo o que este significava. E ele estaria livre, livre dessa tela monstruosa dotada de alma, livre das suas admoestações hediondas. Viveria finalmente em paz.³²

Mas, no momento em que esfaqueia o seu retrato, um grito agonizante é ouvido na casa pelos criados que, quando conseguem chegar ao local, encontram a pintura retratando o jovem Dorian Gray exatamente como o haviam conhecido

³¹ Wilde, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 171.

³² Ibid., p. 176-177.

em sua mocidade. Já no chão, jazia imóvel um cadáver asqueroso e envelhecido, totalmente deformado, vestido em roupa de gala, com uma faca enterrada no peito. E se não fosse pelos anéis em sua mão, jamais saberiam que se tratava de seu amo.

5 Adaptação Cinematográfica

Na adaptação cinematográfica *O retrato de Dorian Gray (2009)*³³, do diretor Oliver Parker, é possível notar de forma ainda mais acentuada a influência de lorde Henry na formação da segunda personalidade de Dorian.

Da mesma forma que na obra literária, o filme retrata de forma clara a indiferença com que Dorian reage com a notícia da morte da moça de quem gostava. Lorde Henry a todo momento incentiva o jovem rapaz a agir e viver de forma que aproveite todos os prazeres da vida, desprezando o valor das pessoas que estão à sua volta. Dorian passa a viver todo tipo de profanação e prazer que lhe seria possível, tendo sempre ao seu lado lorde Henry impondo toda sua má influência.

Na adaptação algumas diferenças podem ser notadas com relação à obra literária. No filme, vê-se um Dorian mais inconsequente, frio, que só vai perceber a gravidade de seus atos muito tempo depois, diferentemente da história escrita, que apresenta diversas reflexões por parte da personagem ao longo de sua trajetória. Um fato a ser observado, é que quando percebe que está fugindo de seus valores, o protagonista se dá conta dos efeitos que suas atitudes têm em sua alma. À medida que sua alma se corrompe, a tela se deforma.

Nota-se que o diretor faz uma releitura da obra, fazendo algumas modificações no enredo original e acrescentando personagens à narrativa, no intuito de chamar a atenção do público para a história do clássico.

É evidente que sendo uma adaptação cinematográfica, não seguiria com fidedignidade a obra literária, porque, conforme nos informa Olga Arantes Pereira (2009)³⁴, o filme procura contar uma história através de imagens, enquanto a

³³ **O Retrato de Dorian Gray**. Direção de Oliver Parker. 2009 P&B.

³⁴ PEREIRA, Olga Arantes. Cinema e literatura: dois sistemas semióticos distintos. **Revistaspuccsp**, São Paulo. p. 50, 2009. Disponível em:

literatura só tem as palavras para descrever personagens, ambientes e situações. Fazendo uso de suas palavras, pode-se afirmar que o cinema nos oferece visualização já definida por meio de imagens, já o escritor nos oferece a descrição. E será por meio da obra literária que o leitor terá a possibilidade de criar em sua mente a própria imagem das personagens.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que em várias ocasiões no livro e na adaptação cinematográfica que a personagem duplica sua alma, pois o seu quadro se alterava na medida em que praticava suas ações deploráveis.

A dualidade da personagem Dorian Gray fica evidente na cisão da sua alma entre ele e seu retrato, como pode ser observado tanto na obra literária quanto na adaptação fílmica. Ressalta-se assim, que o quadro não só envelhecia no seu lugar, como também mudava dependendo do estado de alma da personagem Dorian Gray. Ou seja, tudo que ele praticava com seu corpo e alma, eram sentidos na tela.

7 REFERÊNCIAS

Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2508/>>. Acesso em 17 de setembro de 2016.

Disponível em: <<https://filmow.com/ol-parker-a141937/>>. Acesso em 17 de setembro de 2016.

Disponível em: <<http://livrospralerereleer.blogspot.com.br/2011/06/o-retrato-de-dorian-gray.html>>. Acesso em 17 de setembro de 2016.

MACIEL, Maria Ellem Souza. **Dorian Gray e seu duplo: considerações sobre o fantástico em Oscar Wilde.** Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/abralicinternacional/trabalhos/Completo_Co_municacao_oral_idinscrito_695_4c1179352b131c8e609594f6044ea9ce.pdf> Acesso em 18 de setembro de 2016.

O Retrato de Dorian Gray. Direção de Oliver Parker. 2009 P&B.

PEREIRA, Olga Arantes. Cinema e literatura: dois sistemas semióticos distintos. **Revistaspuosp**, São Paulo. p.50,2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kaliopo/article/view/7471>>. Acesso em: 18 set. 2016.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2001.